

## A Literatura e a cultura de massa: um percurso pelo século XIX

Prof. Dr. Germana Maria Araújo Sales<sup>1</sup> (UFPA/CNPq)

### Resumo:

Desde que se estabeleceu um conceito para Literatura que os estudiosos discutem a validade dos textos escritos, quanto a circulação, a avaliação crítica, entre outras instâncias que legitimam a produção ao *status* de Alta Literatura. Ao percorrer o século XIX, encontramos a vasta produção de romances-folhetins em todo o Brasil e constatamos que essa prática, importada da França, foi adotada por muitos dos nossos renomados romancistas que galgaram à categoria de canônicos. Entretanto, diversos autores, maciçamente publicados nos rodapés dos jornais, sequer tiveram seus nomes inscritos nas Histórias Literárias. Diante dessa constatação, esse trabalho tem como objetivo refletir sobre qual categoria o romance-folhetim se enquadra: Literatura ou cultura de massa?

**Palavras-chave:** romance-folhetim, cultura de massa, alta literatura, século XIX, cânone.

### 1. Momentos iniciais

A história do romance-folhetim, no Brasil, tem data marcada e teve início na década de 1830<sup>1</sup>, no *Jornal do Commercio*<sup>2</sup>. A partir daí a febre da leitura dos romances em fatias, ou em capítulos, tomou conta do público que se deixou envolver pela fórmula do “continua amanhã”. Esse exercício de leitura aos pedaços contribuiu, positivamente, em duas vertentes: alavancou as vendas dos jornais e colaborou para a formação de um público leitor de narrativas.

O fenômeno do folhetim fez parte da história literária brasileira e mescla-se com a produção nacional que também esteve incluída no repertório das leituras daqueles que apreciavam a coluna. É certo que o hábito foi iniciado pela leitura das obras francesas que ilustraram os rodapés das folhas diárias e, nesse cenário, autores de sucesso estiveram presentes cotidianamente entre os brasileiros. Nomes como, Alexandre Dumas, Paul de Kock, Paul de Féval, Eugène Sue, Frédéric Soulié, Augusto Arnaud, Honoré de Balzac, Alexandre Lavergne, Charles Bernard, Paul de Musset, A. de Gondrecourt, Xavier de Montépin, Ponson du Terrail, Ernest Cappendu, entre outros, estiveram entre os mais publicados no *Jornal do Commercio*.

A prática da divulgação de prosas em pedaços se alastrou na maior parte dos jornais fluminenses e alcançou os outros estados do país, reproduzindo o mesmo modelo da produção em capítulos e, conservando os autores franceses como carro chefe entre as publicações, acompanhados de outros nomes estrangeiros, como os portugueses e espanhóis e, os brasileiros que aderiram vivamente à técnica.

---

<sup>1</sup> Sobre esse assunto, Marlyse Meyer (1996, p. 282) aponta *O capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, como a primeira manifestação do gênero, em terras brasileiras, em 1838. Já Yasmin Nadaf (2002, p. 41), reconhece Paul de Kock como o precursor do gênero, com a obra *Edmundo e sua prima*, em 1839, no mesmo *Jornal do Commercio*. Ilana Heineberg (2004) ressalta que *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas foi publicado nas páginas do *Jornal do Commercio* e não no espaço *Folhetim*.

<sup>2</sup> Fundado em 1º de Outubro de 1827, o periódico circula até os dias de hoje. No CEDAP, existem os números referentes aos períodos de jan. – abr. 1865 - dez. 1868. Teve como principais colaboradores Justiniano José da Rocha, José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco), Carlos de Laet, Francisco Octaviano, José de Alencar, Homem de Mello, Joaquim Nabuco, Guerra Junqueiro e outros intelectuais.

O gênero se estabeleceu e ganhou sucesso imediato, o que se deveu, conforme Marlyse Mayer, às “novas condição de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando” (MEYER, 1996, p.59). Dessa forma, a narrativa era interrompida em um momento de clímax e, quase sempre, no capítulo seguinte, o narrador atualizava, generosamente, o leitor, acerca do percurso do enredo.

Adeptos ao molde folhetinesco, os editores dos periódicos brasileiros fizeram a festa com amplas tiragens, beneficiadas pela ocorrência da seção folhetim em suas páginas. Essa beneficência favoreceu, amplamente, à divulgação das literaturas europeias na nação brasileira, como se estendeu aos romancistas nacionais que se introduziam no ensaio literário e assinaram/ou não suas primeiras prosas, nas folhas diárias.

## **2. Ponto de reflexão**

Entre os brasileiros que publicaram na seção folhetim e alcançaram a consagração, destacam-se José de Alencar<sup>3</sup>, Machado de Assis<sup>4</sup> e Aluisio de Azevedo, entre outros que não foram tão felizes em sua história literária.

Para imaginar o cenário da Literatura durante o século XIX, me imagino na seguinte situação: se perguntasse a um estudante do Curso de Letras se algum desses autores já se constituiu como literatura de massa ou se, somente parte da sua obra é reconhecida como cânone, que respostas iria obter? Para refletir juntamente com os alunos do século atual, proponho três questões: a primeira remete-se ao fato da obra do escritor só obter o prestígio anos após a sua publicação, a segunda remete-se ao fato da consagração não garantir o relevo da obra inteira do autor e, a terceira diz respeito ao fato de o número de obras publicadas não garantir a canonização deste ou daquele escritor a escrever seu nome para a posteridade.

Dos três autores referidos, José de Alencar, por exemplo, ilustra uma particularidade na história literária brasileira e é um bom exemplo para a primeira situação, pois teve o romance *O Guarani* com estupendo sucesso em folhetim, disputado entre os leitores quando da sua distribuição do jornal, e anos depois o mesmo livro é indicado como uma das obras primas do romancista cearense. Alencar, definido como musa industrial, no prefácio “Bênção Paterna”, que abre o romance *Sonhos d’Ouro*, alcança, após “fabricar romances aos feixes” e ser consumido pelo público, o reconhecimento da crítica que ele próprio definiu como aqueles que desdizem de tudo no mundo e tem como dogma a contrariedade. Ou seja, Alencar é a ilustração do caso de um sucesso de público que consegue sobreviver e permanecer para além da cultura de massa.

No que concerne a questão do prestígio à totalidade da obra, os três autores referidos ilustram o caso de uma vasta obra, porém nem toda é recomendada como parte da literatura canônica. Machado de Assis assegura sua grandeza literária com os romances, principalmente aqueles considerados obras primas, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *D. Casmurro*.

---

<sup>3</sup> José de Alencar publica em folhetim *Cinco Minutos* no jornal *Correio Mercantil*, do qual Alencar era editor chefe, durante o mês de dezembro; e os romances *Borbolêta s/d*, *A Roceira* – romance que começou a ser publicado com o título *O Fazendeiro* e *O Guarani* (anônimo), em folhetins no *Diário do Rio*. *A Viuvinha* publicada em folhetim no *Diário do Rio de Janeiro*, e *O Guarani* em 4 volumes sem o nome do autor. TIL em folhetim no *Jornal A República do Rio de Janeiro*, de 21 de novembro de 1871 a 20 de março de 1872, num total de 62 folhetins). Esta obra foi publicada a primeira vez em folhetim no jornal *Correio Mercantil* e, no mesmo ano foi impresso na forma de livro pela gráfica do *Diário do Rio de Janeiro*, de Nicolau Lobo Vianna. OS SONHOS D’OURO e TIL (AB) (publicado anteriormente em folhetim no *Jornal A República do Rio de Janeiro*, de 21 de novembro de 1871 a 20 de março de 1872, num total de 62 folhetins) (JRT)

<sup>4</sup> Machado de Assis publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na *Revista Brasileira*. **Publicações no *Jornal das famílias*.**

Seguramente as primeiras obras do escritor são dignas de valor, assim como grande parte dos contos publicados em periódicos. Convém ratificar, entretanto que o Machado preferido e aclamado pela crítica é o romancista e que muitos dos seus contos sequer são reconhecidos dos alunos que frequentam os Cursos de letras.

A história da obra do maranhense Aluisio de Azevedo não é muito diferente das outras aqui relatadas. Conhecido, principalmente pelo romance *O Cortiço*, publicado em 1890, o romancista foi um sucesso, entre os anos de 1882 e 1895<sup>5</sup>, quando publicava sem interrupção, quase sempre em folhetim, como *Mistérios da Tijuca*, publicado na *Folha Nova* e *Memórias de um Condenado*, na *Gazetinha*; em 1882; *Casa de Pensão*, na *Folha Nova* e *O Coruja* em *A Gazetinha*, em 1883 e *Mattos, Malta ou Mata*, publicado em *A Semana*, em 1885, além de inúmeros contos e crônicas divulgados ao correr da pena. Embora lhe seja atribuída uma vasta obra, Aluísio de Azevedo é notabilizado na História Literária pelos romances, *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço*, ficando o restante da sua ficção relegada aos “pastelões dramáticos”, como classificou Alfredo Bosi ou “pura inspiração industrial”, no dizer de José Veríssimo (BOSI, p. 188). Assim sendo, o romancista naturalista ilustra bem o ponto daqueles cuja obra considerada cultura de massa ficou renegada ao plano do dispensável e desvalorizado<sup>6</sup>.

O terceiro item para reflexão que toma como exemplo a questão do número de obras serem indiferente à canonização remete aqueles autores que publicaram na seção folhetim e mesmo assim se consagraram com uma ou duas obras de fôlego, como Manuel Antônio de Almeida, reconhecido na História da Literatura com *Memórias de um sargento de milícias*, publicado primeiramente em folhetim no *Correio Mercantil*, de 27 de junho de 1852 a 31 de julho de 1853, assinado por “Um brasileiro”, no suplemento *Pacotilha* do *Jornal do Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, em 24 capítulos, com edição em livro no ano de 1854, pela Tipografia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro. Manuel Antonio de Almeida é considerado um memorialista, dotado de estilo. A obra teve seis edições no século XIX e esses volumes fazem parte da coleção brasileira, de José Mindlin.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Entre 1882 e 1895, o escritor vive exclusivamente da pena, escrevendo sem interrupção. No ano de 1895 Aluísio de Azevedo é nomeado Vice-Cônsul e daí por diante cessa a carreira literária, não publicando mais nenhum livro. Vendeu sua propriedade literária a H. Garnier por dois contos de réis.

<sup>6</sup> 1881 - *O Mulato*, Tipografia de *O País*.

1882 - publica o folhetim *Mistérios da Tijuca*, na *Folha Nova* chamado em 2<sup>a</sup> edição *Girândola de Amores* e *Memórias de um Condenado*, também em folhetim na *Gazetinha*, saindo a 3<sup>a</sup> edição no ano de 1902 com o título de *A Condessa de Vésper*.

1883 - *Casa de Pensão* em folhetins na *Folha Nova* e *O Coruja* em *A Gazetinha*.

1884 - *Casa de Pensão* em livro na Tipografia de Santos & Cia e *Filomena Borges*

1885 - publica o folhetim *A Mortalha de Alzira*, na Fauchon & Cia, Rio de Janeiro.

*Mattos, Malta ou Matta?*, anonimamente em folhetins, entre 3 de janeiro a 9 de maio de 1885, na revista *A Semana*.

1887 - *O Homem* Tipografia de Adolfo de Castro Silva & Cia.

1890 - *O Cortiço* e *O Coruja*, *O Esqueleto* (em colaboração com Bilac). Neste mesmo ano, Aluísio Azevedo também publica *Mistérios da casa de Bragança*, na Tipografia da Gazeta de Notícias, sob o pseudônimo de Vítor Leal. [A obra *Mistérios da casa de Bragança* é de parceria com Coelho Neto, Olavo Bilac e Pardal Mallet, que usavam o mesmo pseudônimo]

1895 - *O Livro da Sogra* e *O Coruja* pela B.L. Garnier.

<sup>7</sup> Dessa primeira edição só conhece Marques Rebelo um exemplar na Biblioteca Nacional, na coleção Ramos Paz. Ouvi dizer a um livreiro do Rio de Janeiro que sabia quem tinha outro. É possível, mas eu só conheço, em mãos particulares, este meu exemplar que comprei no Gazeau, em São Paulo, há décadas.

A segunda edição, também raríssima, é de Pelotas, Tipografia do Comércio de Joaquim F. Nunes, 1862, em 2 volumes.

Contudo, nem todos os autores tiveram o mesmo êxito e permaneceram entre os registros das Histórias Literárias. Havia alguns casos em que a obra foi publicada em mais de um jornal, além da edição em livro e atualmente, sequer temos conhecimento dessa publicação. Alguém já ouviu falar em Antônio Joaquim da Rosa? Esse paulista de São Roque<sup>8</sup> publicou o romance de costumes *A Assassina*, na *Revista Literária* a partir do Ano I, n.º. 8, de 14 de novembro de 1850. A edição em livro aparece quatro anos depois e foi republicada novamente em periódico, no *Diário Mercantil de São Paulo* entre 2 a 28 de outubro de 1886. (TINHORÃO, 1994. p. 55). Em 1900, há uma outra edição no formato livro e volta a ser publicado em folhetim pelo jornal *Correio Paulistano*. A obra circulou em duas edições em livro e três divulgações em periódicos diferenciados, o que totaliza cinco edições só no século XIX. Antônio Joaquim da Rosa também publicou *A Cruz de Cedro*, no *Jornal do Comércio*, em 1854 e tem edições em livro no ano de 1900, editado pela Tipografia do Correio Paulistano. A obra conhece outra edição em 1924, pela editora Monteiro Lobato<sup>9</sup>. Após essa presença importante no século XIX, o que sabemos acerca desse autor e sua obra se não tivermos a paciência de percorrer as páginas de um dicionário bibliográfico? “Depois de passado todo o brilho social, o escritor afundou-se no esquecimento e as várias reedições das obras não foram suficientes para lhe despertar o nome na lembrança da posteridade” (LOPES, 1997. p. 190).

Na mesma esteira de Antônio Joaquim da Rosa, está o romancista Teixeira e Souza, cujas publicações ocorreram regularmente por treze anos com início em 1843 quando publica o romance *O Filho do Pescador, romance original brasileiro*, segue em 1844 com *As Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuíta*<sup>10</sup>. Em 1848 publica, em 2 volumes, *Gonzaga ou a conjuração de Tiradentes* (1848-51)<sup>11</sup>. Em 1852 vem a lume *Maria ou a menina roubada* divulgada na *Marmota Fluminense*, entre 1.º de 10 de setembro de 1852 a 18 de fevereiro de 1853, em total de 36 capítulos, sendo o último não numerado e intitulado “conclusão”. (TINHORÃO, 1994 p. 55). Em 1853 publica *A Providência*, romance original, no *Correio Mercantil*, e em 1856 *As fatalidades de dois jovens: recordações dos tempos coloniais*, em 3 vols. E qual o lugar de Teixeira e Sousa nas histórias literárias? Por Alfredo Bosi é classificado como “homem semiculto” (BOSI, p. 102) e por Antonio Candido “um escritor de terceira ordem”, cuja estratégia da peripécia atraiu os leitores da época.

Os exemplos de Antônio Joaquim da Rosa e Teixeira e Sousa se multiplicam pela história da literatura e essas particularidades não ficaram restritas aos brasileiros, pois os franceses que conduziram o carro chefe do romance-folhetim, também experimentaram a mesma situação de inclusão e exclusão. Sucessos nas páginas dos jornais do mundo, como Paul de Kock, Xavier de

---

A terceira foi publicada na *Bibliotheca Brasileira*, de Quintino Bocaiúva; forma os vols. IX (dezembro de 1862) e X (janeiro de 1863) dessa coleção. Esses dois volumes foram reunidos num só em 1863. Essa edição foi revista e prefaciada por Machado de Assis que diz: “... entendeu Quintino Bocaiúva dever fazer a reimpressão das *Memórias...*, hoje raras e cuidadosamente guardadas por quem possui algum exemplar”.

A 4ª ed. em 2 vols. é de 1876, tipografia e litografia Carioca, faz parte da série *Leituras Populares editada por Dias da Silva Júnior*, é precedida de uma introdução literária por Bethencourt Silva.

A 5ª ed. faz parte da *Coleção Brasileira* do “editor-livreiro” Domingos Magalhães. Tem uma capa ilustrada de Julião Machado e contém ilustrações não assinadas. Essa edição é muito errada, diz Marques Rebelo, mas é rara.

A 6ª ed. é da Garnier, 1900, precedida de uma introdução de José Veríssimo. “É também muito errada”.

A 7ª ed. é de São Paulo, Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato, 1925. O texto foi completamente “corrigido”.

As outras edições (Rio, *Jornal do Brasil*, 1927 — S. Paulo, *Cultura Brasileira*, 1937 — S. Paulo, *Livraria Martins*, 1941, ilustrada e com prefácio de Mario de Andrade — etc.) foram todas baseadas em edições que não merecem confiança e estão inçadas de erros. [Rubens Borba de Moraes - Texto manuscrito, 5 p., sem data, guardado junto com o exemplar da 1ª edição de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida].

<sup>8</sup> Nasceu em São Roque, SP, em fins de 1820 e faleceu a 26 de dezembro de 1886

<sup>9</sup> Antônio Joaquim da Rosa também publicou *A FEITICEIRA*, na revista *Íris*, Rio de Janeiro. 1849

<sup>10</sup> Temístocles Linhares informa 1847 a data de publicação. Tinhorão informa a publicação desta obra em 1847, no *Jornal Arquivo Romântico*.

<sup>11</sup> Temístocles Linhares informa 1849-1851 como data de publicação.

Montepain e Paul de Féval sequer são referidos nas histórias literárias de seu país. Esse fenômeno auxilia a complementar o conceito de literatura difundido atualmente.

### **3. Conclusões**

Desde que se estabeleceu um conceito para Literatura que os estudiosos discutem a validade dos textos escritos, quanto a circulação, a avaliação crítica, entre outras instâncias que legitimam a produção ao *status* de Alta Literatura. Ao percorrer o século XIX, encontramos a vasta produção de romances-folhetins em todo o Brasil e constatamos que essa prática, importada da França, foi adotada por grande parte dos romancistas e, enquanto uns alcançaram à categoria de canônicos, outros sequer tiveram seus nomes inscritos nas Histórias Literárias ou foram depreciados como literatura menor.

Mas a que se deve esse movimento de inclusão e exclusão? De fato, o romance-folhetim se constituiu como uma literatura de massa e a grande parte do elenco que assinou as narrativas aos pedaços teve um sucesso momentâneo e desapareceu com o correr dos anos. Além dos escritores referidos neste trabalho, muitos outros utilizaram o espaço como divulgação de suas obras, foram muito lidos certamente, uma vez que esses textos ganharam reedições, mas não se consolidaram como Grandes autores literários.

A recuperação desses autores e o reconhecimento desses textos, importa? Acredito que sim, pois recobramos o registro de uma produção ininterrupta da prosa de ficção, que caso não seja observada e reconstituída, deixa um vácuo entre as publicações que se celebrizaram como literárias. Além do mais, reconhecer os passos dessa história literária não divulgada, auxilia a reflexão acerca do conceito de literatura, como também em torno da formação do cânone.

### **Referências Bibliográficas**

- 1] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902.
- 2] BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1970.
- 3] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2vls. São Paulo: Martins, 1964.
- 4] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995.
- 5] HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*. Tese de Doutorado, Paris, Université de la Sorbonne Nouvelle – U.F.R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines, 2004. Versão eletrônica disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>
- 6] \_\_\_\_\_. “Miméticos, aclimatados transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses”. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance - circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 497-522.
- 7] HOHLFELDT, Antonio. *Deus Escreve Direito por Linhas Tortas - O Romance-Folhetim dos Jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- 8] LOPES, Helio. *Letras de Minas e outras histórias*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- 9] MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- 10] MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- 11] MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: livros técnicos e científicos, 1978.

- 12] NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das Miscelâneas — o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- 13] NOBRE, Izenete Garcia. *Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Mestrado em Letras. Belém, PA: 2009.
- 14] ROQUE, Carlos. *História de “A Província do Pará”*. Belém: Mitograph editora, 1976.
- 15] SALES, Germana. “Ao pé da página: circulação de leituras em jornais do século XIX”. In:
- 16] X Congresso da ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro. X Congresso da ABRALIC - o local, o regional, o nacional, o inter-nacional, o planetário: lugares dos discursos literários e culturais, 2006. v. 1. p. 1-7.
- 17] \_\_\_\_\_. “Romans-feuilletons: une pratique de lecture au XIXe siècle”. *Cahiers du Brésil Contemporain*. v. 69/70, p. 67-77, 2008.
- 18] \_\_\_\_\_. “Marcas da Leitura na Belém oitocentista”. *Revista de Cultura do Pará*. v. 18, p. 95-110, 2008.
- 19] \_\_\_\_\_. *Cronologia do romance no Brasil*. In: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>
- 20] \_\_\_\_\_. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas*. Tese de Doutorado. IEL, UNICAMP. Campinas, SP: 2003.
- 21] SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance de folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Ed. UNB, 1997.
- 22] TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 a atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

---

**iAutor(es)**

**Germana SALES, Doutora em Teoria e História da Literatura (UNICAMP)**

Germana Maria Araújo Sales (UFPA)  
Programa de pós-graduação em Letras  
E-mail: gmaa.sales@gmail.com